UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

THAIS MOTA TORRES

SENTIMENTOS QUE PERPASSAM AS REALIDADES FEMININAS E O "ESTAR UNIVERSITÁRIA": NARRATIVAS DE ESTUDANTES DA UNILAB-CE SOBRE A TRAJETÓRIA DE SUAS VIDAS UNIVERSITÁRIAS E OS DESAFIOS DO SER FEMININO, PARA ALÉM DOS MUROS DA INSTITUIÇÃO

REDENÇÃO – CEARÁ
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório referente ao processo de construção do audiovisual “As flores que perfuram solas de sapato”, este, apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade da Universidade da Integração internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Sentimentos que perpassam as realidades femininas e o “estar universitária”: Narrativas de estudantes da Unilab-CE sobre a trajetória de suas vidas universitárias e os desafios do Ser Feminino, para além dos muros da instituição

Thais Mota Torres

Data da aprovação: ____/____/____ Nota:_____

REDENÇÃO-CE

2018

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Janaína Lobo, minha orientadora, que topou o desafio desse trabalho de primeira, e se manteve calma por mais difícil que fosse. À Dona Sandra, minha mãe que me apoiou do início ao fim nessa trajetória, ao Harley Almeida, por todas as dicas, conselhos e ajuda nesse trabalho, ao meu companheiro, Caio Miranda, que além de companheiro de vida é companheiro de luta desde 2016, ao meu irmão Thiago Torres que sempre foi meu exemplo acadêmico, ao Diego Leão por todo apoio e carinho, à Thais Queiroz do coletivo Entre Olhos e à Daniele Ellery, que me ajudaram diretamente no empréstimo dos equipamentos de filmagem e com muito apoio e dicas, às meninas lindas que toparam se jogar nesse audiovisual e por abrirem seus corações para mim, e por fim, pelos 30 minutos apertados da agenda do ser maravilhoso que é Franciscana Erê. Vocês são, nós somos, resistência.

Esse trabalho não seria nada sem vocês, o que sinto pela existência de vocês é muito mais que amor.

FICHA TÉCNICA DE COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: As flores que perfuram solas de sapato.

Duração do vídeo:22 minutos.

Entrevistadas: Beatriz Fernandes/ Brasil. (Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades)

Local de entrevista: Alto de Santa Rita, Redenção-CE.

Kenny Mascarenhas Monteiro/Cabo Verde. (Administração Pública)

Local de entrevista: Campus Auroras, UNILAB, Redenção-CE.

Wilma Quade/Guiné Bissau.(Sociologia)

Local de entrevista: Parte detrás do Campus Liberdade, UNILAB, Redenção-CE.

Lila M. Salú/Brasil.(Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades)

Local de entrevista: Área de convivência, UNILAB, Redenção-

CE.**Diandra Melanie da Cunha/Angola.**(Sociologia)

Local de entrevista: Residência da entrevistada, Redenção-CE.

Maria da Luz Fonseca/São Tomé e Principe.(Pedagogia)

Local de entrevista: Área de convivência, UNILAB, Redenção-CE.

Maina Guambe/Moçambique.(Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades)

Local de entrevista: Campus Palmares, Acarape-CE.

Franciscana Erê/Brasil.(Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades)
Local de entrevista: Campus Palmares, Bloco III. Acarape-CE.

Luana Lessa Costa/Brasil(Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades)
Local de entrevista: Residência da entrevistada, Redenção-CE.

Resumo: O presente relatório tem como objetivo principal explicitar o processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi realizado em formato audiovisual, nomeado de “As flores que perfuram solas de sapatos”. O audiovisual trata das narrativas pessoais das estudantes entrevistas, em relação aos sentimentos que lhes perpassam quando refletem sobre suas realidades femininas. Assim, as falas se desenrolam sobre suas vidas universitárias, dentro e fora dos muros da instituição, contando com debates sobre sensibilidade, força, desigualdade gênero, sexualidade e violência.

Palavra-chave: gênero; feminino; universidade, violência; empoderamento; sentimentos; expressões; protagonismo;

Metodologia de filmagem.

A realização desse audiovisual teve como objetivo a escuta e percepção da expressão das entrevistadas, dando grande enfoque no protagonismo de suas histórias e trajetórias por meio de suas vozes em narrativa. Ademais, as entrevistas realizadas foram feitas no formato de **entrevista aberta,** inspiradas pelo método da realização do diálogo aberto, característica do cinema de Eduardo Coutinho, que como discorre Frochtengarten (2009), em sua pesquisa sobre o cinema de Coutinho,

> […] Escancara o caráter de discurso que os documentários "sociológicos" se esforçavam por ocultar. Sobretudo porque seus filmes não falam de fora, mas de dentro da relação do cineasta com os personagens que retrata. É desfeita a distância entre sujeito e o objeto do conhecimento que legitimava o saber dos primeiros documentários se que ainda impregna o espírito de parte da produção do gênero." (FROCHTENGARTEN, 2009)

Tenho como ponto de maior importância as narrativas das entrevistadas em diálogo comigo, em uma perspectiva de dupla reflexividade. Um dos pontos principais do trabalho também se trata das expressões femininas, que assim como através da voz, explicitam a emoção e os sentimentos contidos no momento da narrativa, explorando o campo visual, juntamente com o oral.

Ainda no início das entrevistas, cabe salientar, as entrevistadas eram informadas sobre o método de entrevista aberta que seria utilizado, deixando claro a flexibilidade para falaram o que acharem necessário durante o diálogo. Por meio das perguntas-ativadoras, as narrativas se desenrolariam e o trabalho de captação de expressão se iniciaria, porém, o que ocorreu foi que o desenrolar das entrevistas tomou rumos e perspectivas diferentes, o que o torna o trabalho ainda mais rico em pluralidade. Algumas das perguntas-ativadoras foram:

- *Como foi seu processo de adaptação com o espaço universitário e com a comunidade?*
- *Você acredita que haja diferença na vivência universitária, levando em consideração o gênero com o qual se identifica?*
- *Quais os sentimentos que você consegue identificar e expressar ao analisar sua vivência feminina em sua vida universitária?*

A voz feminina como principal motivação.

Imaginar-se deixando a casa dos pais no fim da adolescência, ou mesmo no desabrochar da vida adulta, nem sempre seria algo previsível para as meninas que viviam seus dias do colegial calmamente. Algumas, percorreram poucos quilômetros, 30, 60; outras, mal se davam conta que agora estariam atravessando o Atlântico, todas movidas por perspectivas e sonhos, assim como eu.

Cresci em uma sociedade de estrutura machista, que desde o descobrimento do sexo feminino do bebê durante a gravidez, inicia seu processo de imposições sociais para que se seja uma mulher padrão[1]. A cor rosa nas roupas, os brinquedos da sessão feminina restritos à simulação de tarefas domésticas e da maternidade, já são as ações iniciais da padronização de comportamento feminino, assim como frases ouvidas na infância como "senta que nem moça". Na fase da infância já é perceptível como se é produzida a desigualdade de gênero, porém, na transição para adolescência enrijece-se a cobrança, principalmente por meio da repressão da sexualidade. Agora em cena, muitas adolescentes se deparam com uma realidade feminina diminuída, subestimada, cercada de violência, assédio e medo, normalmente acompanhado de uma visão crítica de sua posição como mulher, desenvolvendo agora uma nova leitura da predefinição social do "ser mulher". Simone de Beauvoir (1980), desenvolvia sobre essa perspectiva em sua obra "O segundo sexo",

> "Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro."*(BEAUVOIR, 1980, p. 9)

Essa estrutura social acaba por ter influência em todos os momentos da vida de uma mulher, assim, não é diferente na iniciação da vida universitária. Assim como as entrevistadas, vim de outra cidade para estudar na Unilab e morar em Redenção, sendo o momento de saída do núcleo familiar para uma vida solo. O choque com o novo meio social e cultural trouxe experiências negativas e positivas, bem como mistos sentimentais.

[1]Inspirado nas ideias de Judith Butler no livro Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Ed. Civilizacão Brasileira, 2003

Ainda, gostaria de mencionar como a vida solo traria responsabilidades externas que afetariam diretamente na vida interna, a da universidade.

Assim, no decorrer do tempo comecei a pensar-me enquanto mulher e universitária, tanto nos momentos de fragilidade, como nos momentos de força. Isso levou-me a compreender a vida universitária para além dos muros da universidade. A vida universitária seria composta pelos trajetos, as relações com as pessoas, o momento "universitária" em si e com toda vivência inclusa. Visto isso, nasceu-me o interesse de buscar conhecer o que sentiam outras mulheres universitárias em relação às questões que nos atingem como mulher, na vida universitária. Por meio disto, gostaria de fazer com que não só eu, mas que todos pudessem ouvir a voz a feminina que ainda hoje se insiste em tentar silenciar, e tanto já foi calada, como bem fala Michelle Perrot (2005),

> Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, "esqueceu" as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (PERROT, 2005, p.9).

O audiovisual teria como objetivo principal a voz feminina e trabalharia então com a interculturalidade e com as diferentes perspectivas apresentadas por elas sobre as realidades de mulheres como universitárias, focando na captação dos sentimentos que envolvem toda a reflexão sobre o "ser" universitária / "estar" universitária. Retomando o argumento acima exposto, a vida universitária seria abordada amplamente, pensando para além dos muros, visto que a vida universitária aqui é trabalhada na perspectiva de todo o cotidiano feminino que compõe o período de graduação, na Unilab-CE.

Dito isso, as narrativas contariam com relatos sobre a chegada, a adaptação, as relações, em suma, as reflexões sobre as vivências femininas durante todo o período, deixando em aberto para o que as entrevistas despontem durante as falas.

Vale ressaltar a grande importância para o trabalho, do protagonismo feminino, de como se aplica a representatividade de serem narradoras das suas próprias histórias. A câmera se torna a ferramenta que, apesar de desestabilizar as vozes inicialmente, se torna o veículo para as narrações das entrevistadas chegarem à vários ouvidos.

Historicamente silenciadas, por meio desse trabalho pretende-se realizar a quebra com a imposição da estrutura machista, que cala.

Os olhares trazidos no trabalho de campo.

O trabalho de campo proporcionou a abertura para novos olhares sobre perspectivas do feminino em cena, através das suas vozes, então aqui desejo pontuar algumas reflexões levantadas. Durante as entrevistas, houve falas que se complementaram bastante, o que auxiliou na montagem do audiovisual, e foi por meio delas que situarei pontos de importância levantados pelas minhas interlocutoras, pontos esses como o da impunidade diante da violência sexual, o olhar voltado à raça e classe, mas também, a voz feminina dentro do espaço universitário.

Primeiramente, trago a primeira entrevista realizada, com a Beatriz Fernandes, natural de Pacoti, que retrata seu deslocamento para a vida em Redenção, por conta da iniciação da vida universitária. A visão de Beatriz se mostra muito centrada sobre como a estrutura social na qual estamos situadas, gera a subestimação feminina e já tem pré-definidas as prioridades que uma mulher deve ter em seu futuro. Assim, Beatriz traz a seguinte afirmação: "[…]As pessoas perguntavam, você não pensa em conhecer alguém antes? […] Você tem certeza que vai conseguir ficar lá sozinha?". A entrevista traz à tona como sua comunidade enxerga o futuro feminino e como a constituição de uma família está num local de prioridade.

Para além disso, Beatriz relata que na sua vida universitária existem fatores externos, vinculados à violência sexual, que possuem peso significativo no seu dia a dia. A fala se situa sobre como o ir e vir nas ruas, principalmente na BR 060, a principal via de acesso ao campus da UNILAB, se torna prejudicado; pois transitar pela via significa estar sujeita ao assédio constante, realizados pelos motoristas dos veículos. Aí podemos observar como o machismo traz uma série de prejuízos diários, trazendo grande desconforto em pequenos atos, como o de sair à rua e voltar sem sofrer algum tipo de violência.

A afirmação de Beatriz é forte, porém, juntamente com esta fala podemos analisar como a perspectiva da violência contra o ser feminino atua nos pequenos atos, e como o sentimento de impunidade se explicita na fala da entrevistada, que mostra que para a mulher, a importunação do assédio é uma agressão de grande peso, porém, por

mais que haja a criminalização, a Justiça não a vê com grande relevância. O desejo da liberdade por meio de mulheres, como Beatriz, transpassa o sentimento de impunidade e chega ao de indignação, o Estado deveria estar na posição de agente de proteção, não despertar o medo. Nesse ponto de vista, Deise Camargo discorre sobre a atuação do estado frente as violências contra a mulher,

> "O enfrentamento desta violência pelo Estado não pode se dar de qualquer forma, mas a devida diligência deve ser respeitada, todos os tratados relativos à violência contra a mulher entendem que é necessário que, frente à situação de violência, os Estados deem uma resposta que não violente mais a pessoa e deve ele fornecer todos os mecanismos necessários para que a violência cesse imediatamente. A devida diligência, então, diz respeito à prevenção, investigação, reparação e punição à situação de violência."(CAMARGO, Deise,2017)

Vale ressaltar que a mesma preocupação, mesmo por perspectivas diferentes, foi um ponto tocado por todas as entrevistadas. O assédio nas vias da cidade de Redenção e Acarape possui um peso diferente para casa uma, porém, foi dado relevância em todas as narrativas.

Seguindo para o segundo ponto elencado, chegamos ao tocante das relações entre os gêneros, a classe e a raça. Para isso, trago como a questão do racismo é trazido tanto pelas meninas africanas, como por Lila, brasileira. A segunda entrevista foi realizada com Kenny, natural de Cabo Verde. Nela, a entrevistada se emociona ao tratar sobre sua chegada ao Brasil e o desamparo ao sofrer racismo. Kenny chora ao contar a situação de desespero ao ligar para mãe, e escutar: "Filha, não posso te ajudar pois não sei como é o que está passando, mas te desejo força". É nítido como o choque com o racismo brasileiro deixa claro como a situação da mulher deve ser vista por todos os ângulos de violência, exaltando-se como a relação entre Raça e Gênero se mostra em ação no Brasil, assim como discute Sueli Carneiro,

> "Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. [...]é válida a afirmação de queo racismo rebaixa os *status* dos gêneros. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes. [...]Os efeitos do racismo e do sexismo são

> tão brutais que acabam por impulsionar reações capazes de recobrir todas as perdas já postas na relação de dominação.” (CARNEIRO, 2003, grifos do autor)

Sueli traz a discussão sobre a relevância do estudo da raça ao estudarmos as relações de gênero e como o peso do sexismo vinculado ao racismo, proporciona uma violência ainda mais brutal a ser combatida. Visto isso, é de suma importância elencar como a temática foi tratada pelas entrevistadas, como podemos citar nas falas das entrevistadas estrangeiras, de autoafirmação: “sou negra, mulher e africana”. Isso, pontuando como cada determinação tem seu peso e afirmação nas narrativas pessoais.

Nessa perspectiva, entramos na fala de Lila, que me traz a reflexão acerca do marcador de classe. Mais uma vez, refletimos sobre outra vertente de peso ao estudarmos gênero e as particularidades do sujeito, assim como reflete Carloto,

> “A sociedade estabelece uma distribuição de responsabilidades que são alheias as vontades das pessoas, sendo que os critérios desta distribuição são sexistas, classistas e racistas. Do lugar que é atribuído socialmente cada uma, dependerá a forma como se terá acesso a própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão particular da mesma. (CARLOTO, 2001)

A visão da autora possui relação direta com a fala de Lila, ao situar-se como negra, mulher, lésbica e da periferia. Lila é natural de Fortaleza/CE e, enquanto profere sua narrativa, levanta pontos sobre o medo em relação às violências que poderia sofrer por suas características. É a primeira das entrevistadas a tratar da violência policial. A particularidade da vivência periférica faz com que Lila relacione a violência sexual com a realidade da insegurança de moradores de comunidades marginalizadas. Assim, a narrativa de Lila conta a realidade que ela está sujeita, múltiplas violências entrecruzadas; se configurando em um relato forte e emocionante para o ouvinte.

Sob mesma ótica, chegamos à fala de Franciscana, travesti, natural de Quixeramobim. Ao tratarmos das vivências das interlocutoras e suas feminilidades, foi de suma importância o relato de Franciscana. A entrevistada traz um discurso forte e amedrontado sobre a sua sobrevivência no atual cenário político, porém não deixa de ressaltar a importância de que ela, como negra, travesti e periférica, ocupa sua vaga na em uma Universidade Pública. Para Moira,

> “Por obra da violência transfóbica, que tem suas bases bem fincadas no sexismo, aquelas pessoas que ousassem afrontar essa lei seriam mortas ou teriam que voltar de

> imediato para o armário, dando a impressão falsa ou de que desistiram. Foi necessário o surgimento e fortalecimento do movimento feminista e, com ele, a transformação radical dos sentidos que a palavra "mulher" denota para, aos poucos, pessoas criadas para ser homem conseguirem começar a fazer legítima sua reivindicação de existir enquanto mulher [...]" (MOIRA, 2017).

Em diálogo com a citação acima, Franciscana também relata sobre a afirmação da sua existência como travesti e sobre a transfobia sofrida no choque de sua chegada ao espaço universitário. A entrevistada conta como a presença dela e de outros transexuais e homossexuais causam reações negativas nos demais. Tem-se o exemplo de uma trans, estudante do campus do Malês, na Bahia, que foi tirada do banheiro feminino por um segurança do Campus dos Palmares, quando de sua visita a UNILAB do Ceará. Este fato, presente no relato de Franciscana, trata da falta de preparo dos servidores, além da dificuldade na compreensão da mulher-trans frequentar espaços socialmente destinados a mulheres cis.

Por fim, o último ponto por mim elencado se trata da questão da voz feminina dentro do espaço universitário, pois creio que é de suma importância a fala de algumas entrevistadas, como Fonseca Da Luz. Por várias delas, foram levantadas a questão da escuta ao pronunciar-se em sala de aula, tanto pelos docentes, quanto pelos discentes. Trata-se de como se é dada importância em níveis diferenciados, para o espaço de fala feminina e para a fala masculina. Para além disso, Fonseca traz a reflexão sobre a expressão de "complementar a fala" de alguém. A entrevistada relata sobre episódios em que se expressa em sala e homens se apropriam do fim de sua fala insistindo em iniciar as suas (*bropriating*), alegando estar "complementando" a fala de Fonseca. A crítica se dá em cima do "complementar" que, na visão da entrevistada, atribui a sua fala algum descrédito, como se por ela ser mulher não fosse capaz que argumentar de forma completa, munida de conhecimento.

As narrativas pessoais das entrevistadas coincidiram em bastante pontos, acabando por roteirizar por si só o desenvolver do audiovisual. Campo de experiência emocionante, que através do capturamento das imagens e sua exposição, creio que não deixará de emocionar também ao espectador.

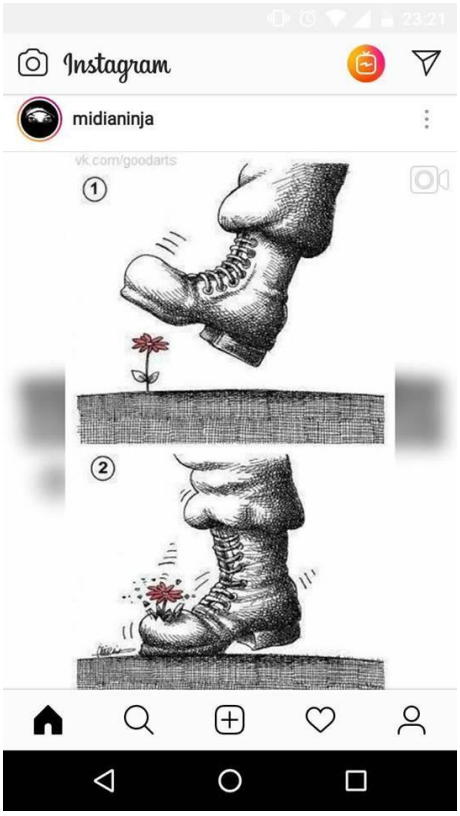
Os resultados e sensações gerados pelo contato entre o campo do vivido e o campo do sensível.

Acredito que, para finalizar este relatório, devo contar um pouco do que sinto pós-finalização, além de fazer alguns esclarecimentos. Desde a primeira gravação pude ter compreensão sobre como funcionaria na prática a relação entre o campo do vivido e o campo do sensível, sendo assim, como me sinto privilegiada em ter escutado as vivências de cada uma. Creio que assim como eu as compreendi, no fundo dos olhos delas, ao fim de cada filmagem, elas compreendiam o porquê de eu estar ali, realizando esse trabalho.

Como havia dito no início desse relatório, assim como elas, vim de outra cidade para estudar e morar em Redenção. Desde o início me deparei com os mistos de sentimentos ocasionados por estar só em uma cidade, aos 17 anos, conciliando a instabilidade da vida pessoal com a vida universitária. Para além disso, havia um agravante, por mais de 1 ano sofri assédio na porta de casa. Fico muito emocionada em ouvir as vozes das meninas, principalmente na abertura de cada uma dessas falas, levantando tantos pontos importantes para nossa luta diária: nós choramos, rimos e nos fortalecemos. Agora, diante do cenário político, cada história pessoal me vem à cabeça e acredito que os sentimentos presentes se configuram em medo, mas também em gratidão. Acrescento que o momento ainda mais emocionante foi de agradecimento pelo espaço de fala. Porque já está mais do que na hora de se dar a fala e a devida importância às narrativas femininas. Após a finalização desse trabalho continuaremos nossa luta, de mãos dada, *ninguém solta a mão de ninguém.*

O título do audiovisual.

As meninas expuseram em suas narrativas toda sua sensibilidade, seu sentir, mas também não devemos esquecer as mensagens de força e suas histórias de superação diárias. Há alguns meses vi essa imagem em uma rede social e não consegui deixar de enxergar as entrevistadas contidas nela.



Disponível em:www.instagram.com/midianinja

Assim eu as vejo, as flores que perfuram solas de sapato.

Fotos realizadas durante as entrevistas.

PRETAS
ONTRA O

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de.**O Segundo Sexo**, v.II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PERROT, Michelle.**As mulheres ou os silêncios da história.**Bauru: EDUSC, 2005. p. 317-520.

CARNEIRO, S. (2003).**Mulheres em movimento**.*Estudos Avançados*,*17*(49), 117- 133.

MAITO, D. C.; SEVERI, F. C.;**VIOLÊNCIAEDISCRIMINAÇÃODEGÊNERONAUNIVERSIDADE E ACESSO À JUSTIÇA PARA MULHERES.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

MOIRA, A. R.**O cis pelo trans**. Estudos Feministas, Florianópolis, 25(1): 365-373, janeiro-abril/2017. P 365-373

CARLOTO, C. M.**O conceito de gênero e a sua importância para a análise das relações sociais**. Paraná, Editora UEL.

FROCHTENGARTEN. Fernando. A entrevista como método: uma conversa com Edua rdo Coutinho. São Paulo, janeiro/março, 2009,*20*(1), 125-138